

A ultradireita e a islamofobia: Europeus patriotas contra a islamização do Ocidente (PEGIDA)

Ada Maria B. Gomes Nunes ^{*}, Beatriz Mesquita Tavares , Maria Clara de Oliveira Tonolli Bedê , Moria Martins Lima 

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

*Autor correspondente. Email: ada.nunes@aluno.uepb.edu.br

Resumo

O artigo se estrutura a partir da pergunta de pesquisa “como a islamofobia se insere nos discursos da Ultradireita europeia?”. O objetivo é abordar como a islamofobia foi uma ferramenta utilizada por partidos e grupos europeus da Ultradireita, em especial o PEGIDA, como uma mola propulsora da aceitação das pautas xenofóbicas e da ideologia dessa vertente política, de forma a fazer com que estas tenham sido normalizadas em grande parte dos discursos do *mainstream* da política migratória europeia. Além disso, é analisado, também, como os partidos de Ultradireita se beneficiam da islamofobia para as eleições e como o mundo o muçulmano passou a ser alvo da xenofobia europeia. Para tanto, foram mobilizados conceitos estabelecidos principalmente por Mudde (2000, 2019), através da revisão de literatura ampla sobre a questão da islamofobia como catalisador de movimentos de Ultradireita na Europa. Conclui-se que o PEGIDA se encaixa no espectro político da Ultradireita, mais especificamente como parte da Extrema Direita estabelecida por Mudde (2000). Percebe-se também o fundamentalismo cristão em alguns discursos do PEGIDA, o que pode ser relacionado com o tradicionalismo estabelecido por Sedgwick (2004).

Palavras-chaves: PEGIDA, Ultradireita, Xenofobia, Islamofobia, Europa

1. Introdução

Em janeiro de 2023 o holandês Edwin Wagensveld rasgou e ateou fogo a uma cópia do Alcorão, livro sagrado do islã, publicando um vídeo desses atos na internet. Wagensveld é uma das lideranças do grupo de Ultradireita “Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente” (PEGIDA), que atua em toda Europa de modo a promover ideologias notadamente islamofóbicas e, assim, influenciar nas políticas de migração e acolhimento de populações deslocadas de origem muçulmana em solo europeu. O PEGIDA é paradigmático nos estudos sobre movimentos de Ultradireita devido

a seu caráter internacional e sua atuação que une tanto mobilizações por meio de plataformas digitais online quanto ações no mundo “real”.

O artigo se estrutura a partir da pergunta de pesquisa “como a islamofobia se insere nos discursos da Ultradireita europeia?”, desse modo, o estudo de caso selecionado para responder a essa questão corresponde ao PEGIDA. O objetivo principal da pesquisa é identificar as principais ideologias que orientam a ação internacional do movimento “Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente”. Dessa forma, justifica-se a escolha do tema no âmbito das Relações Internacionais uma vez que o impacto do grupo atinge um nível internacional, principalmente devido à capacidade de alto alcance de suas ideias e ações por meio das redes sociais, ultrapassando as barreiras cibernéticas e chegando às ruas, em forma de protestos e até partidos políticos na Europa.

O artigo utiliza uma metodologia majoritariamente qualitativa, promovendo uma revisão de literatura ampla sobre a questão da islamofobia como catalisador de movimentos de Ultradireita na Europa e estabelecendo, posteriormente, um estudo de caso com foco no PEGIDA. O marco teórico do artigo reside no conceito de Ultradireita estabelecido por Mudde (2000), que permite a compreensão do fenômeno da islamofobia dentro de um quadro analítico voltado à inserção de ideologias racistas, xenófobas e autoritárias. Os resultados da pesquisa demonstram que, dentro do guarda-chuva conceitual da Ultradireita, o PEGIDA se insere no espectro político da Extrema-Direita, por não demonstrar a capacidade de conviver no âmbito democrático e por promover e estimular ações de caráter violento.

A escolha do principal autor e especialista em extrema direita, Cass Mudde, foi motivada pela sua vasta experiência em movimentos de extrema-direita, que, através de sua pesquisa sobre o populismo na política de extrema direita, fornece uma visão abrangente das variáveis que influenciam o “sucesso” desses movimentos em todo o mundo e no modo como estes atuam. Dessa forma, utilizamos do seu estudo para destrinchar a atuação do PEGIDA enquanto movimento de extrema direita.

O artigo divide-se em três seções. Na primeira, se estabelecem os elementos teóricos do artigo, a partir do conceito de Ultradireita e a maneira pela qual se vivencia uma chamada quarta onda de ascensão desse movimento político e ideológico. A segunda seção do artigo aborda a questão da islamofobia no contexto político europeu, demonstrando como esse tema vem sendo utilizado politicamente na última década para mobilizar eleitores em torno de plataformas de Ultradireita. A terceira parte do artigo foca no estudo de caso referente ao PEGIDA, expondo seus discursos, atores e motivações alinhadas à Ultradireita europeia, demonstrando como esse movimento, a partir de sua evidente islamofobia, não é capaz de conviver em um ambiente democrático, sendo assim, caracterizado como um grupo de extrema-direita.

2. A Ultradireita e a quarta onda

O espectro político moderno é composto por vertentes ideológicas e comportamentais que vão desde a direita, voltada para os interesses e liberdades individuais, até a esquerda, que seria mais direcionada aos interesses públicos e questões coletivas. A Ultradireita (*far-right*) corresponde ao aspecto mais radical e extremo da direita, incorporando, segundo Mudde (2000) elementos como a xenofobia, a islamofobia, o racismo, o

ultranacionalismo, o anticomunismo, o militarismo, o autoritarismo, o populismo, a antidemocracia e o fundamentalismo cristão.

No âmbito da Ultradireita, a partir da definição de Mudde (2000), encontram-se outras duas vertentes, a “Direita Radical” e a “Extrema-Direita”. Segundo o autor, o que as diferencia é, essencialmente, que a direita radical, apesar de não compactuar com os componentes democráticos da sociedade liberal, não quer a sua ruptura, e sim a sua repaginação em torno de ideais iliberais que contestam as noções de igualdade e multiculturalismo. Já a extrema-direita deseja a ruptura da democracia ou da ordem vigente, por meio de métodos violentos e autoritários em prol de um projeto político autoritário, violento e reacionário (Mudde 2000).

Outrossim, Mudde (2000) dá nome a atributos quase que exclusivos da ultradireita e para o entendimento das suas ações e da matriz lógica por trás dela. Esses são: o etnopluralismo – um eufemismo do racismo, que crê na existência de grupos etnicamente diferentes e afirma que eles devem permanecer separados, o autoritarismo – crença em uma sociedade autoritária onde as desobediências são severamente punidas, a etnocracia – democracia que tem como cidadãos apenas uma certa etnia ou um certo grupo – e o nativismo – nacionalismo que só considera compatriotas uma certa etnia. Esses atributos foram surgindo através de momentos pelos quais a Extrema Direita e a Direita Radical passaram, os quais ressurgem com novas roupagens dessas vertentes.

Um dos pontos norteadores do pensamento da Ultradireita ao todo é a doutrina Tradicionalista, citada por Sedgwick (2004). O conceito de tradicionalismo é exposto como uma corrente de pensamento que clama a volta dos costumes tradicionais e que se relaciona com o conservadorismo cristão, pois muitas vezes engloba a ideais da igreja também, como a necessidade da moral cristã na sociedade (Pini 2021). Os tradicionalistas acreditam que as práticas tradicionais e a cultura de um determinado povo foram perdidas, em detrimento da cultura nova que surge e que, estas mudanças, por serem novas, tornam a sociedade atual e as suas novas práticas culturais imaturas e, por isso, inválidas (Sedgwick 2004). Nesse contexto se insere a questão migratória na Europa e, sobretudo, a islamofobia típica da Ultradireita, que enxerga a crescente presença muçulmana no continente como uma ameaça ao modo de vida cristão-ocidental dos europeus.

Esses ressurgimentos do movimento ultradireitista foram classificados por Mudde (2019) em “ondas”, justamente porque vêm, se esvaem, e retornam. O autor identifica quatro ondas de ascensão da Ultradireita, sendo a quarta delas inerente às primeiras décadas do século XXI. A Quarta Onda seria resultado das três principais crises desse século, sendo estas compostas pelo ataque terrorista aos Estados Unidos no 11 de Setembro de 2001, a grande depressão em 2008 e a crise dos refugiados desde 2015 (Mudde 2019). Essa onda normalizou os discursos da Ultradireita e a difamação do “politicamente correto”, bem como proporcionou a propagação dos contrassensos da *far-right* pela internet e a ascensão desses debates ao *mainstream* político, como representam as vitórias eleitorais de Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil, além de outras figuras paradigmáticas no continente europeu, como Viktor Orbán na Hungria e Giorgia Meloni na Itália.

Uma das características mais marcantes da Quarta Onda da Ultradireita é a trajetória de muitos de seus movimentos e lideranças, que ganham notoriedade, inicialmente,

em plataformas digitais para, posteriormente, tornarem-se forças notórias no “mundo real”. De fato, desde o início dos anos 2000 a Ultradireita vem avançando, principalmente, no campo virtual, com grupos alternativos que surgem nas redes sociais, como o Facebook. Os movimentos nessas mídias vão muito mais além de postagens, eles crescem e viram agrupamentos realmente ativos em torno de causas radicais, como a islamofobia, até mesmo fora da internet. Evidencia-se que o presente artigo se debruça na análise de um desses grupos, o “Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente” (PEGIDA), que iniciou como uma comunidade radicalizada em redes sociais para, depois, evoluir para um grupo político de Ultradireita influente em toda Europa.

3. A islamofobia como plataforma política na Europa

As crises inerentes à quarta onda de ascensão da Ultradireita reverberaram em solo europeu com os atentados em Madri e Londres, respectivamente em 2004 e 2005. Essas questões, somadas a uma política externa norte-americana orientada pela promoção de uma “Guerra ao Terror” direcionada a muçulmanos ajudou a intensificar a islamofobia na Europa, o que foi agravado, posteriormente, com a crise de populações deslocadas a partir de 2014, quando houve uma crescente número de refugiados muçulmanos tentando abrigo em países europeus.

No âmbito da definição de Ultradireita, pode-se encarar a islamofobia como sendo composto por elementos racistas, xenófobos e nativistas, pois, mesmo associada à religião muçulmana, ela traz consigo questões raciais e nacionalistas. Perocco (2018, p. 1) destaca que “Tal conjunto articulado e interdependente de temas-chave, políticas, práticas, discursos e atores sociais visa inferiorizar e marginalizar os imigrantes muçulmanos, ao mesmo tempo em que legitima e reproduz as desigualdades sociais que afetam a maioria deles.”

Deve-se compreender a islamofobia na Europa como tendo caráter estrutural, como uma espécie de racismo aceitável e que não se restringe apenas à Ultradireita, formando o corpo ideológico também de partidos e governos de centro-direita supostamente moderados, que combatem o que chamam de “islã político” com medidas de perseguição a muçulmanos, fechamento de mesquitas e proibição de vestimentas associadas a essa religião (Bayrakli e Hafez 2023). Essa questão vai ao encontro, também, das características da quarta onda da Ultradireita, que ajudou a normalizar discursos racistas e torná-los aceitáveis a um público mais amplo. Certamente, porém, é a Ultradireita europeia que enfatiza aspectos racistas de suas plataformas políticas para angariar resultados eleitorais.

Nota-se que essa questão é flagrante, justamente, em consequência da crescente ascensão de partidos que pregam contra a religião e cultura islã com o ideal de que tal prática afeta “valores europeus”, segundo o *European Center for Populism Studies* (ECPS)¹. Além disso, há um recorte de gênero envolvido nessa questão, com políticas públicas voltadas à repressão de valores vinculados à cultura islâmica sendo mais comumente direcionadas às mulheres. Isso fica explícito ao se perceber que já são

1. A ECPS, ou *European Center for Populism Studies*, é uma organização sem fins lucrativos, independente e apartidária com o fito de analisar e pesquisar o crescente populismo político. Disponível em: <https://www.populismstudies.org>.

vários os países europeus que implementaram a proibição total ou parcial do uso da burca e do *niqab*², como França, Holanda, Dinamarca, dentre outros.

Vale enfatizar, sob a luz deste artigo, como o islamismo foi securitizado levando-o, até mesmo, a uma associação com o declínio do ocidente e, eventualmente ao terrorismo. Precipuaemente, a securitização ocorre quando um dado fator/acontecimento é posto como problemática no que se refere a algo apontado como uma ameaça existencial a um objeto de referência designado (Buzan, Wæver e De Wilde 1998). Isso ocorre com a população islâmica na Europa na medida em que as narrativas dominantes os colocam como ameaças existenciais aos valores europeus. Ademais, definir atos específicos como terrorismo pode ser de extrema convêniência a um determinado Estado, afinal tais definições podem estar facilmente atreladas a algum juízo de valor (Saint-Pierre e Vitelli 2018, 9–26), gerando ganhos políticos e econômicos a quem os atribui.

Visto isso, as consequências da islamofobia e da securitização do mundo islâmico, para a Europa, reverberam sobre as políticas internas e externas dos países europeus. Os partidos de Ultradireita que passaram a compor o *mainstream* político europeu utilizam-se dessa pauta para imputar medo aos cidadãos da região, tendo como base os ataques terroristas que ocorreram em seu território nas últimas décadas, aumentando sua representatividade nos parlamentos europeus. Além disso, a crise de refugiados de 2014 e 2015 e o intenso fluxo de refugiados árabes para a Europa ajudaram na aprovação dos partidos de Ultradireita, os quais se beneficiavam também dos recorrentes atentados terroristas que vinham ocorrendo para transformar a realidade de pessoas desabrigadas e emigrantes de seus países na procura de ajuda, em uma diáspora que somente iria facilitar os ataques terroristas em próprio solo Europeu.

Por conta disso, partidos europeus conservadores e de Ultradireita têm suas pautas de cunho xenofóbico cada vez mais normalizadas dentro do cenário político (interno e externo) europeu, em detrimento de uma população receosa e assustada, a qual já está abtuada a abstrair o fato de que a islamofobia também é um tipo de racismo. Também, podem ser observadas ações de Extrema direita nas ruas, partindo diretamente dos cidadãos, como foi o caso do assassinato de Walter Lübcke, presidente alemão do distrito de Hessel, o qual foi morto com um tiro na cabeça por integrantes de um grupo de extrema direita neonazista, por conta das suas posições pró-refugiados.

Esse tipo de comportamento é fomentado, ainda, pela direita alternativa (*alt-right*), a qual atua, essencialmente, na mídia alternativa online e de maneira anônima, dificultando a identificação e a punição dos eventuais crimes de ódio. Ao explorar as dinâmicas da internet e das redes sociais, são facilmente circulados memes e notícias falsas (as quais são postas como as notícias “reais” mas “sem filtros” ou “não censuradas”), e que têm o teor preconceituoso e de discurso de ódio. Devido a isso, acha-se uma brecha também para a propagação de difamações da população islâmica na Europa e para a organização de grupos online que incitam a violência e o bullying nas redes (o que pode se estender para o meio físico), como foi o caso do grupo online no Facebook que deu origem ao PEGIDA. Dessa forma, a manipulação, o medo e o caos são os principais fomentadores da ascensão dos grupos de Ultradireita na Europa.

2. *Niqab*: véu que cobre todo o rosto, deixando apenas a região dos olhos descobertas, sendo usado por algumas mulheres muçulmanas.

4. Os Europeus patriotas contra a islamização do Ocidente (PEGIDA)

Nesse cenário, em concordância com o exposto anteriormente no que concerne ao aumento de grupos xenófobos no cenário europeu, observa-se o crescimento do número de movimentos assumidamente islamofóbicos antes jamais vistos, como é o caso do PEGIDA. Para esse grupo, os refugiados muçulmanos simbolizavam uma ameaça à identidade ocidental, democrática e cristã da Europa (Oliveira 2022).

O surgimento dessa comunidade xenofóbica, islamofóbica e anti-imigração, ocorreu em 2015, através de um grupo no Facebook que criticou uma manifestação pró-curda na cidade de Dresden (Haller e Holt 2018). A página do movimento no Facebook tornou-se a principal plataforma de comunicação e integração dos seus apoiadores, que, no ano de 2016, contava com cerca de 200 mil seguidores e simpatizantes. Na página, os organizadores do PEGIDA compartilhavam notícias sobre as supostas consequências da imigração, enfatizando o discurso de que a ascensão da criminalidade estava diretamente ligada aos imigrantes, bem como acusavam políticos de conspirar contra a própria nação.

Junto ao Facebook, o movimento utilizou diversas plataformas na internet como uma maneira de desvincular-se da “mídia tradicional”. No Twitter, a página do movimento conta com pouco mais de 5 mil seguidores, enquanto no Youtube, vídeos publicados chegam a mais de 40 mil visualizações. No entanto, essas páginas não se limitaram apenas a Alemanha:

Grupos do PEGIDA foram formados em outros países europeus, como Suécia, Noruega, Grã-Bretanha ou Áustria [...] embora esses grupos não tenham se transformado em movimentos de massa como na Alemanha, a página do Facebook austríaco foi bastante ativa em termos de postagens e reações dos usuários (Haller e Holt 2018, 8)

Segundo Hawley (2017), as discussões fomentadas nessas plataformas se dão de maneira grosseira e desinibida, ultrapassando a linha do que seria considerado crime. O autor explica que dentro dessas páginas – principalmente do Facebook – forma-se uma espécie de “bolha de filtro”, onde opiniões e informações contrárias às defendidas pelo movimento dificilmente podem entrar e, se entram, são descredibilizadas pelos integrantes.

Visto isso, apesar da intensa propagação dos protestos na mídia alemã, que ocasionou consequentemente uma repercussão mundial do movimento, houve apenas uma aparição oficial na mídia de um porta-voz do PEGIDA no talk show de TV *Günther Jauch* em 18 de janeiro de 2015. Isso significa, segundo Haller e Holt (2018) que o PEGIDA não concentra a sua comunicação na mídia de massa, por exemplo, usando declarações à imprensa ou organizando coletivas de imprensa, mas canalizam sua comunicação com os apoiadores e o público em geral exclusivamente por meio das mídias sociais. Assim, nesse sentido, temos o que Chadwick (2013) chama de “mídia híbrida”, onde mesmo as formas tradicionais de criar e disseminar notícias políticas podem ser contornadas por canais alternativos com sucesso e, ainda assim, ganhar cobertura na mídia tradicional.

Dessa forma, observamos que os canais de mídia do PEGIDA – principalmente o facebook – são utilizados para fins de comunicação do movimento com seus apoiadores, mas a sua atuação se dá, verdadeiramente, nas ruas, chegando a alcançar também a política alemã. Isso se comprova ao observar o primeiro protesto na capital Dresden,

que chegou a reunir cerca de 350 pessoas contra a tal “islamização do ocidente”. Logo, o grupo passou a se reunir frequentemente nas noites das segundas-feiras com seu característico público formado por homens de meia idade, jovens e alguns outros de características nazistas, sempre proclamando discursos xenófobos e racistas – mesmo que negassem o ódio aos estrangeiros ou ao islã (*outsiders*). Com o slogan de “Nós somos o povo”, Vorländer, Herold e Schäller (2018, 2) afirmam que: “O PEGIDA acreditava ser o núcleo de um movimento coletivo alemão e europeu dos indignados, os novos ‘cidadãos enfurecidos’”

Embora negassem, de início, sua aversão aos *outsiders*, em seus protestos se fazia nítido que, para seu principal líder, Lutz Bachmann, não existia distinção entre os refugiados que entravam no país – fossem eles turcos, curdos, muçulmanos, islâmicos ou jihadistas – os caracterizando, de maneira geral, como terroristas. Se tornou ainda mais óbvio esse cunho islamofóbico do movimento, após o ataque terrorista a Paris, nos dias 7 e 9 de Janeiro de 2015, quando foram às ruas, no dia 15 do mesmo mês, proclamar que o caso ocorrido em Paris seria mais uma razão para fazer parte do PEGIDA. A partir deste acontecimento, observa-se a acentuada radicalização dos seus discursos, passando a não diferenciar mais a violência verbal da física. Assim, Oliveira (2022) considera que o grande sucesso da mobilização do PEGIDA, se deve ao fato do terror propagado por forças políticas e por alguns meios de comunicação, em vistas da imigração em larga escala.

No entanto, essa radicalização do movimento ocasionou, ao mesmo tempo, um enfraquecimento de seu apoio. Isso porque, o seu principal líder Lutz Bachmann esteve envolvido com alguns escândalos e disputas advindos da organização interna do movimento, estando diretamente ligado a textos xenófobos e até mesmo a uma foto onde o mesmo imitava Hitler (Vorländer, Herold e Schäller 2018). Isso incomodou alguns membros do movimento que preferiam manter a postura de uma direita “moderada”, fazendo com que Bachman se afastasse temporariamente do movimento e, junto com ele, mais 6 dos seus 12 membros principais – alguns deles prosseguiram com a criação de movimentos de direita.

Como uma busca de se fortalecerem e recuperarem sua imagem em meio a uma queda de seus apoiadores devido a radicalização, lideranças do PEGIDA iniciaram um movimento de aproximação política com os principais nomes da extrema direita populista europeia, como exemplo do holandês, Geert Wilders — tentativa frutífera, uma vez que reuniram, nesse mesmo protesto, cerca de dez mil pessoas — e da então candidata do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), Tatjana Festerling que vinham alcançando alguns sucessos frente às urnas. Do que refere-se à expansão política do grupo, o PEGIDA conta com simpatizantes que também apoiadores da AfD, e, a partir de 2014, ambos fundem-se como críticos do sistema que não são de esquerda, algo que faltava no sistema partidário, e portanto, fazendo com que o grupo fosse recebido de forma positiva, como expõe Patzelt (2018, 179):

Além disso, em uma dupla divisão da Alemanha está sendo expressa entre o complexo PEGIDA/AfD e as forças políticas estabelecidas. Por um lado, esta é uma divisão entre o que muitas pessoas realmente pensam e o que elas — de acordo com os ditames e proibições amplamente conhecidos do politicamente correto — dizem publicamente.

Porém, com a derrota nas urnas e a permanência de uma baixa popularidade,

muitos acreditavam que o PEGIDA chegaria ao fim, se não fosse uma nova onda de refugiados na Alemanha apoiados pelo governo Merkel em agosto de 2015, gerando insatisfação popular e realimentando seus discursos anti-imigração, aumentando, conseqüentemente, o seu público. Para sustentar os seus apoiadores, os organizadores radicalizaram cada vez mais seus discursos islamofóbicos e anti-refugiados, vinculando-se cada vez mais com a Ultradireita alemã, além de capacitarem seus equipamentos, fazendo uso de novas tecnologias para aumentar a qualidade de suas manifestações – na tentativa de passarem seriedade ao seu público, mesmo que suas declarações permanecessem amadoras.

Sendo assim, os atos, ou rituais, como denominam Vorländer, Herold e Schäller (2018), realizados pelos Europeus Patrióticos contra a Islamização do Ocidente, caracterizados por suas repartições e apelos simbólicos como as caminhadas silenciosas pelas ruas de Dresden – com o intuito de transparecer uma falsa pacificação advinda da classe média – e o forte apego ao hino nacional da Alemanha – característica ultranacionalista advindas da Ultradireita – implantaram em seus seguidores a sensação de pertencimento a uma comunidade. Os seus discursos, acompanhados do arqueamento de bandeiras nacionais e do próprio movimento – com forte apelo simbólico apoiado na nova direita alemã –, também eram repletos de características nacionalistas ao entoarem pelas ruas frases como: “Nós somos o povo”; “Resistência”; “Merkel tem que ir”. Além de deslegitimar a mídia frequentemente, acusando-a de “mídia mentirosa” (Vorländer, Herold e Schäller 2018).

Observa-se, dessa forma, que o PEGIDA, principalmente após a crescente radicalização de seus discursos conforme a onda imigratória se intensificava na Alemanha, passou a ser diretamente ligados à extrema direita, abrangendo em suas manifestações muitos de seus discursos nacionalistas, xenófobos, racistas e de deslegitimação dos meios de comunicação. É importante, assim, salientar que esses seus discursos dos quais tomamos conhecimento, vão para além de um movimento criado nas redes sociais, ou de passeatas silenciosas pelas ruas da Alemanha, eles se estendem para o resto do mundo como um retrato do fortalecimento da Extrema Direita que se reverbera na Europa mas que não se limita somente a ela. Dessa maneira, os “Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente” são frutos da onda extremista de direita do começo do século.

Portanto, o que inicia-se apenas como um simples grupo de Facebook pode servir como ferramenta de integração, a nível internacional, para aqueles que dividem as mesmas crenças – sendo essas toleráveis ou não. Dessa forma, é possível considerar a internet como um forte aliado da Ultra Direita, visto que as redes sociais proporcionam um ambiente propício para a divulgação e troca de informações, ideias e visões acerca das ideologias que a contemplam.

5. Conclusão

A Ultradireita, a Internet e a Islamofobia, com o enfoque no grupo Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente (PEGIDA), foram estudadas e relacionadas no presente trabalho. Ao longo das análises, nota-se que o PEGIDA se encaixa no espectro político da Ultradireita, mais especificamente como parte da Extrema Direita. Isso tem base na semelhança entre alguns dos pilares ideológicos que são fundamentais para

essas vertentes, como a xenofobia, a islamofobia e o ultranacionalismo, além de tem relação com a Quarta Onda da Ultradireita, que fomentou a ascensão do PEGIDA e da *Alt-Right* como um todo, seja no meio virtual ou não. Outrossim, percebe-se o fundamentalismo cristão em alguns discursos do PEGIDA, o que pode ser relacionado com o tradicionalismo, anteriormente citado, presente nos vieses da Ultradireita, uma vez que os tradicionalistas procuram a volta aos tempos tradicionais, incluindo, assim, o período em que a moral cristã era preponderante, em detrimento da islâmica, por exemplo.

Outro ponto que pôde ser observado, é como a Ultradireita faz o uso da internet para a integração e propagação dos seus ideais, visto o crescimento da subcultura digital *Alt-Right*. Grupos e fóruns, principalmente nas redes sociais, funcionam como uma câmara de eco³, onde pessoas que possuem as mesmas crenças, em sua maioria intolerantes, encontram-se para discutir suas ideias e reverberar essas opiniões. Dessa forma, movimentos como o PEGIDA, encontram um espaço para disseminarem suas opiniões sem receio de serem reprimidos, já que não há mecanismos suficientes para a punição desses grupos no meio online.

Destarte, observamos até aqui, com base em todas as características citadas anteriormente, que os “Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente” não se difundiram inicialmente em torno de uma questão concreta – ainda no meio digital – muito menos de propostas de soluções claras para problemas políticos concretos. Ao contrário, suas manifestações eram pautadas sobre a exibição de uma raiva coletiva gerada por um medo difuso do Islã, mescladas de orientações patrióticas e xenofóbicas nacionais e regionais, identificadas entre muitos manifestantes. Dito isso, por mais que o PEGIDA não tenha tido muito sucesso em sua organização, como na falha de criação de um partido político, eles serviram como meio de visibilidade para grupos do mesmo teor ideológico já existentes. Assim, corroborando com a normalização da aversão contra o islã na sociedade europeia e ocidental, o que foi alavancado pelo alcance do movimento nas mídias internacionais, o qual serviu para mostrar ao mundo a força dos movimentos advindos da nova direita, que ganhavam espaço no meio virtual e social.

Recebido em: 22/06/2023.

Aprovado em: 30/10/2023.

3. O conceito de câmara de eco utilizado nesse trabalho é dado pelos autores Vorländer, Herold e Schüller (2018), os quais o descrevem como um espaço onde pessoas com pensamentos iguais reforçam novos ideais e radicalizam os antigos.

Referências

- Bayrakli, E. e F. Hafez, editores. 2023. *European Islamophobia Report 2022*. Accessed on 01 Jun. 2023. Leopold Weiss Institute.
- Buzan, Barry, Ole Wæver e Jaap De Wilde. 1998. *Security: A new framework for analysis*. Lynne Rienner Publishers.
- Chadwick, A. 2013. *The Hybrid Media System: Politics and Power*. 2ª edição. Oxford University Press.
- Haller, A. e K. Holt. 2018. Paradoxical populism: How PEGIDA relates to mainstream and alternative media. *Information, Communication & Society* 22 (12): 1665–1680.
- Hawley, G. 2017. *Making Sense Of The Alt-Right*. Columbia University Press.
- Mudde, C. 2000. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester University Press.
- . 2019. *The Far Right Today*. Polity Press.
- Oliveira, L. G. 2022. Nós Somos O Povo! As Manifestações Populistas Do PEGIDA No Cenário Da Alemanha Contemporânea. *Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil* 11:01–26.
- Patzelt, W. J. 2018. What Is PEGIDA?, 179–192.
- Perocco, F. 2018. Anti-migrant Islamophobia in Europe. Social roots, mechanisms and actors. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* 53 (26): 25–40.
- Pini, A. M. 2021. Desinformação e populismo radical de direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016. Doutorado em Relações Internacionais, Universidade de Brasília.
- Saint-Pierre, Héctor Luis e Marina Gisela Vitelli. 2018. *Dicionário de segurança e defesa*. São Paulo: Editora Unesp.
- Sedgwick, M. 2004. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford University Press.
- Vorländer, H., M. Herold e S Schäller. 2018. PEGIDA and New Right-Wing Populism in Germany.